

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-903-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.032221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A QUESTÃO REGIONAL E AS POLÍTICAS DE PLANEJAMENTO NO BRASIL:
APRECIÇÕES

Franciclécia de Sousa Barreto Silva

Alberto de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218021>

CAPÍTULO 2..... 13

A HISTÓRIA DO CENTRO EDUCACIONAL FUNDAÇÃO IBIFAM (CEFI): EXPERIÊNCIA
PIONEIRA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM TEMPO INTEGRAL NA ESCOLA BÁSICA EM
BELÉM-PA

Reginaldo do Socorro Martins da Silva

Ney Cristina Monteiro de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218022>

CAPÍTULO 3..... 32

ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE ENTRE OS SUJEITOS
VELHOS DA CIDADE SENHOR DO BONFIM – BA

Valéria Cunha Rodrigues

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218023>

CAPÍTULO 4..... 50

O LUGAR DOS CAMPONESES DA AGRICULTURA FAMILIAR NO AMAPÁ

Manoel Osvanil Bezerra Bacelar

Hilene Marilan Lima Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218024>

CAPÍTULO 5..... 67

OS REBATIMENTOS DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR
(PNAE) COMO PERSPECTIVA DE MELHORIAS NAS CONDIÇÕES DE VIDA PARA
AS MULHERES DO MEIO RURAL: UM ESTUDO DE CASO DAS MANGABEIRAS DO
POVOADO PORTEIRAS EM JAPARATUBA/SE

Handresha da Rocha Santos

Sandra Andréa Souza Rodrigues

Hádrian George da Rocha Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218025>

CAPÍTULO 6..... 77

PERFIL ANTROPOMÉTRICO E OS FATORES DE RISCOS CARDIOVASCULARES EM
FREQUENTADORES DA PRAÇA BATISTA CAMPOS NA CIDADE DE BELÉM (PA)

Rafaella Maria da Silva

Caroline Moraes Monteiro

Thiago dos Santos Cruz

Carmen Françuasy Martins Nascimento

Daniele Magalhães Souza
Josiana Kely Rodrigues Moreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218026>

CAPÍTULO 7..... 86

POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA BAHIA: RELATOS SOBRE AÇÕES ENTRE 1970 E 1990

Alex Vieira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218027>

CAPÍTULO 8..... 98

TRATANDO RISCOS: OFERECER CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA ATRAVÉS DE GRUPOS TEMÁTICOS PARA JOVENS NO MUNICÍPIO DE ESMERALDAS/MG

Viviane Andrade Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218028>

CAPÍTULO 9..... 104

SHOW OPINIÃO: ARTE, POLÍTICA E CRIAÇÃO TEATRAL NO BRASIL DOS ANOS 1960

Kátia Rodrigues Paranhos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218029>

CAPÍTULO 10..... 115

ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO DAS REPORTAGENS EM CAMPO GRANDE, MS SOBRE OS POVOS HAITIANOS: APRESENTAÇÃO E ACEITAÇÃO DO OUTRO POR INTERMÉDIO DA ENUNCIÇÃO MUDIÁTICA

Euzenir Francisca da Silva

Melly Fátima Goes Sena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180210>

CAPÍTULO 11..... 134

CICLO DE VIDA DO MERCADO MUNICIPAL PAULISTANO

Márcia Regina Valle Mielke

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180211>

CAPÍTULO 12..... 146

O MERCADO IMOBILIÁRIO EM MARÍLIA (SP) E O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL

André Pimenta Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180212>

CAPÍTULO 13..... 166

FINANÇAS PESSOAIS E TESOURO DIRETO: UMA ANÁLISE PRÁTICA PARA GERIR OS CUSTOS DOS INVESTIMENTOS NOS TÍTULOS DO TESOURO DIRETO

Eduardo Alvim Guedes Alcoforado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180213>

CAPÍTULO 14.....	186
CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO INTERMITENTE ENQUANTO PRECARIZAÇÃO	
Gabriel Bacarol Kerber	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180214	
CAPÍTULO 15.....	194
ANÁLISE DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS APLICADAS PELA FUNDAÇÃO CASA À LUZ DA TEORIA DE WINNICOTT	
Alex Pereira de Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180215	
CAPÍTULO 16.....	204
A UMBANDA E O CANDOMBLÉ NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO SOBRE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E A SUA RELAÇÃO RACIAL	
Francisco Rangel dos Santos Sá Lima	
Cícero Nilton Moreira da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180216	
CAPÍTULO 17.....	212
CIVILIZAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
André Soares Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180217	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	224
ÍNDICE REMISSIVO.....	225

CIVILIZAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 10/11/2021

André Soares Ferreira

Fundação Universidade Federal de Rondônia
(UNIR), Departamento de Educação (DACED)

Vilhena-RO

<http://lattes.cnpq.br/8069131617780647>

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões iniciais sobre o “processo civilizador” da região de fronteira Brasil-Paraguai, desenvolvido na primeira metade do século XX e que marcou a representação da região. As reflexões apresentadas aqui surgiram do levantamento de fontes para elaboração da tese de doutorado em educação intitulada “Educação e fronteira sul-mato-grossense (1889-1943): análise a partir da historiografia regional”. Assim, o presente trabalho problematiza a fronteira e as narrativas que compõem a representação sobre a mesma. O trabalho se ancora na historiografia regional, pois foi realizado a partir de fontes teórico-bibliográficas. As reflexões se fundamenta em alguns conceitos do sociólogo Norbert Elias em diálogo com o historiador Roger Chartier. Tem-se como conclusão que as relações de poder entre grupos e instituições marcaram o jogo de poder e o “processo civilizador” na região evidenciados por narrativas que compuseram a representação. Tal conclusão abre possibilidades para compreender as figurações do sistema de

instrução pública na região, bem como evidencia que a Teoria dos Processos Civilizadores é uma importante ferramenta que possibilita novas interpretações sobre a região.

PALAVRAS-CHAVE: Processo civilizador. Região fronteiriça. Representações.

CIVILIZATION ON THE BRAZIL AND PARAGUAY BORDER

ABSTRACT: The present essay has as intent to introduce some initial reflections about the “civilizing process” of the frontier territory between Brazil and Paraguay, developed in the first half of the 20th century, which has determined the regional depiction. The reflections here presented have emerged from the sources survey for the creation of the doctoral thesis in Education, entitled “Education and the Mato Grosso do Sul frontier (1889-1943): analysis from the regional historiography”. Thus, the present essay problematizes the frontier and the narratives that compose its representation. The paper is anchored in the regional historiography, for it has been constructed from theoretical-bibliographic sources. The reflections substantiate from a few concepts provided by the sociologist Norbert Elias dialoguing with historian Roger Chartier. The conclusion obtained is of that the power relations amongst groups and institutions have determined the power game and the “civilizing process” in the region, emphasized by the narratives that have composed its representation. Such conclusion opens possibilities for comprehending the setup of the regional public instruction system, as well as emphasizing that the Theories of Civilizing

Process is an important tool that allows new interpretations about the region.

KEYWORDS: Civilizing process. Frontier region. Representations.

1 | INTRODUÇÃO

Este ensaio apresenta uma reflexão sobre a região de fronteira Brasil – Paraguai e de alguns conceitos desenvolvidos por Norbert Elias em diálogo com Roger Chartier que podem contribuir para compreender o processo civilizador da região sul do antigo Mato Grosso (SMT), atual sudoeste de Mato Grosso do Sul. A referida região brasileira deve ser pensada e compreendida na perspectiva da interdependência com o país vizinho Paraguai, pois ela foi e é marcada pela cultura, pelos hábitos e pela própria história do país vizinho. Assim, apresenta-se alguns apontamentos sobre a região de fronteira ou fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai e conceitos dos autores supracitados como ferramentas capazes de potencializar a compreensão da região. Não há análises das questões levantadas, pois o trabalho visa apenas problematizar e abrir possibilidades de novas interpretações sobre a região¹.

A região de fronteira do SMT foi delimitada e reconhecida a partir de conjunturas nacionais. Todavia, embora as ações das nações tenham determinado a constituição da região, temos patente que a fronteira em questão possibilitou a existência de múltiplas figurações, em que o imbricamento do regional e do nacional tem características complementares e ambíguas. Estas características contribuíram para o estabelecimento de representações que tem em suas bases mudanças do referencial de poder e de acordo com narrativas historiográficas revelam aspectos do processo civilizador da região.

A figuração regional, na primeira metade do século XX, foi marcada por disputas de poder, que revelam dois movimentos em direção opostas, pois, ora aproximam-se dos interesses da nação ou do estado e ora se aproxima dos interesses de grupos em oposição aos interesses das instituições. Assim, as figurações sofreram alterações na medida que o referencial de poder alterava seu ponto de equilíbrio. O pressuposto hipotético é que a educação adquiriu lugar privilegiado na significação da região de fronteira, pois além de ela ocupar lugar de destaque e de interesse para ambos Estados nacionais, foi desenvolvida a narrativa de que o sul do antigo Mato Grosso era mais desenvolvido do que o norte, devido a iniciativa dos seus habitantes, e um dos aspectos que evidenciava esse desenvolvimento era a presença de escolas dado a iniciativa dos habitantes do sul do estado. A educação não é linear e vertical, mas um processo, que embora tenha um fim claro, a saber, formar os cidadãos de um Estado, ela possui pontos cegos em seu desenvolvimento histórico e direções que escapam ao controle do Estado. Assim, é preciso compreender os atores e as instituições que marcaram a história do sul do antigo Mato Grosso, a fim de compreender

¹ Aspectos conclusivos sobre a região podem ser consultados em FERREIRA, André Soares. **Educação e fronteira sul-mato-grossense (1889-1943)**: análise a partir da historiografia regional. Dourados: FAED, 2019. Tese (Doutorado). Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1631>.

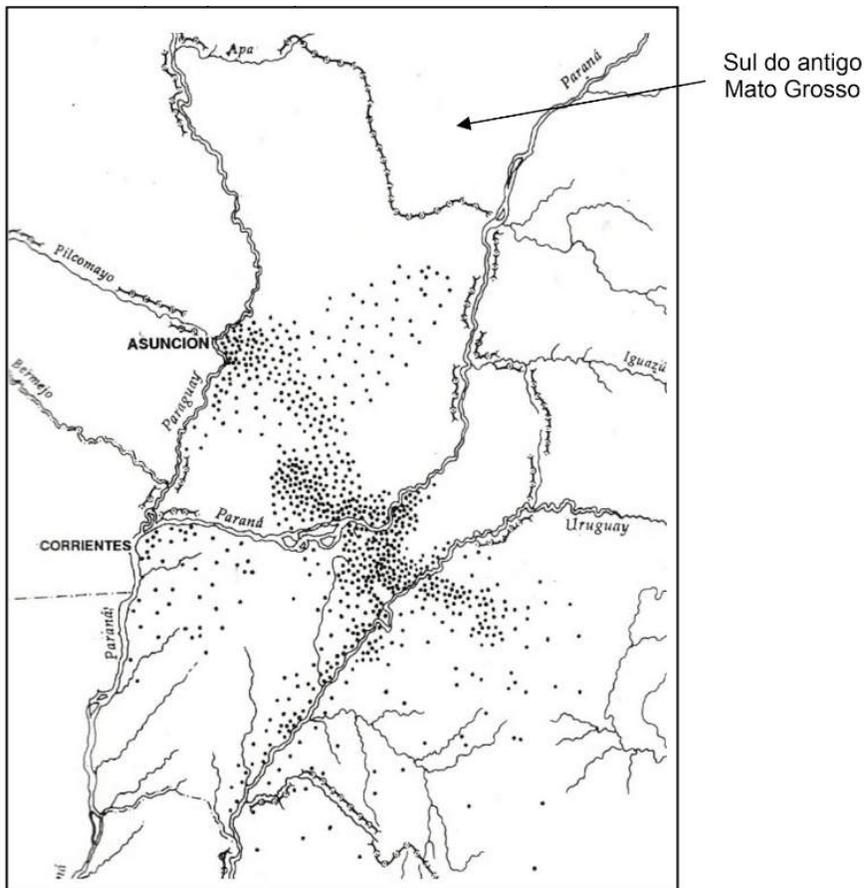
como a educação se desenvolveu em meio as figurações e disputas de poder.

Outro pressuposto que nos orienta, são os conceitos de ‘civilização’ e de ‘nação’, pois esses nos ajudam a compreender a região fronteiriça. Historicamente, no Brasil, a ideia de fronteira se aproxima da noção de ‘sertão’. Essa noção só pode ser compreendida sob a luz do conceito representacional “progresso”. Esses conceitos e noções foram ressignificados e marcados pelo pensamento hodierno. Assim, é possível compreender as diversas representações sobre a região fronteiriça – sudoeste do Mato Grosso do Sul –, levando em consideração as ideias de “progresso”, a de “civilização” e “nação”, pois estas marcaram a cultura ocidental a partir da instituição dos Estados Nacionais. Marcaram também os atores sociais que canalizam suas forças para serem reconhecidos como indivíduos de “progresso”, “civilizados” e conseqüentemente pertencentes a uma “nação” que se enquadra na representação ideal da cultura moderna.

2 | ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA DA REGIÃO

A ocupação da região de fronteira Brasil-Paraguai, ou seja, e o sul do antigo Mato Grosso (SMT) por não indígenas, segundo Weingartner (1995), remonta ao século XVI. Para a autora, os portugueses ao chegarem ao Brasil, se estabeleceram apenas no litoral do atlântico e os espanhóis ao sul, na região Platina e no litoral do Pacífico. Portugal e Espanha seguiam o tratado de Tordesilhas (1494) que demarcava os limites de suas conquistas. Todavia, como o tratado não precisava claramente os limites das duas nações, os espanhóis, para chegarem as minas de ouro do Peru, buscaram garantir a posse da terra e a navegação do rio Paraguai por meio da fundação da missão do Itatim, localizada no sul do antigo Mato Grosso. Através dessa, introduziram o gado na região e iniciaram a exploração da erva mate, natural do local. O contato e miscigenação entre índios e espanhóis resultou nos paraguaios e, segundo a autora, no século XVIII, a pós fim das missões jesuíticas, esses eram os habitantes e “donos” das terras do sul do antigo Mato Grosso.

Não obstante, entendemos, a princípio, que tal afirmação carece de fundamentação e maior análise, pois como demonstrou Telesca (2009) (Mapa 1) e Goris (1999), a região norte do Paraguai e o sul do antigo Mato Grosso, em meados do século XVIII, não possuía outros habitantes além dos indígenas, os quais não são objeto de nossa análise, pois, estes se enquadram, *a priori*, no estigma do “bárbaro” ou “não civilizado”. Podemos citar como exemplo os Guaicurús, temíveis guerreiros, que embora tenham aprendido a utilizar os cavalos e a dominar o gado com os espanhóis, não se deixaram dominar e nem adquiriram o *habitus* europeu.



Mapa 1: Densidade populacional do Paraguai até meados de século XVIII (cada ponto equivale a 200 habitantes)

Fonte: Telesca (2009) (cada ponto equivale a 200 habitantes)

Embora os indígenas estivessem presentes na região, essa foi considerada um “espaço vazio” e de terras devolutas por não indígenas até meados do século XX, pois a cultura indígena, na perspectiva dos colonizadores, não apresentava características intrínsecas do ideal “civilização”. Todavia, a descoberta do ouro em Cuiabá, no início do século XVIII, deflagrou o início do processo de ocupação da região por não indígenas, que se constituiu de forma lenta, mas paulatina. No tratado de Madrid (1750) – Mapa 2 – é possível contemplar o traçado do atual Brasil.



Mapa 2: Tratado de Madrid.

Fonte: <<https://suportegeografico77.blogspot.com/2020/05/tratado-de-madri.html>>

A descoberta do ouro em Cuiabá e o processo de povoamento por não indígenas na região sul do antigo Mato Grosso, indica que a região sul não era ocupada por espanhóis ou paraguaios. É preciso notar que em 1767 foi fundado o forte de Iguatemi no lado luso-brasileiro e o forte Curuguay no lado hispano-paraguaio, situados no extremo sul do antigo Mato Grosso, na região onde atualmente se localiza a cidade de Paranhos-BR e Ipehumpy. Esses fortes objetivavam impedir o avanço de portugueses para as terras espanholas e também o contrário.

Todavia, a imensa região sul do antigo Mato Grosso se configurava como um “vazio” populacional, sua ocupação por não indígenas, se dá a partir de pequenos núcleos militares. Em 1775, os portugueses fundam o Forte Coimbra, em 1778, fundam o forte de Corumbá e em 1797 o forte de Miranda. Esses fortes foram fundados com o objetivo de manter as terras em posse dos portugueses devido a presença do ouro em Cuiabá. Do lado espanhol, foi fundado um forte em Concepción, em 1773, com o objetivo de controlar a navegação no rio Paraguai.

A partir desses dados podemos inferir que ao final do século XVIII não temos povoação – não indígena – significativa no sul do antigo Mato Grosso, mas apenas alguns núcleos, digamos fronteiriços, que se quer produziam para sua subsistência, ou seja, eram apenas postos avançados. Entretanto, talvez possamos considerá-los como marcos iniciais do processo civilizador da região. Outra possível inferência é que nesse período, a região

possuía, para ambas coroas, mais importância política do que econômica, pois ainda não havia grande interesse em ocupar aquelas terras, chamadas naquele período de “sertão”.

Segundo Queiroz², a povoação do sul do antigo Mato Grosso começa a ocorrer de forma acentuada a partir da década de 1820. Contudo não podemos ainda chamar esse movimento de “frente de expansão” ou “frente pioneira”³, pois a migração provinda de regiões ‘civilizadas’ para a fronteira sul do antigo Mato Grosso não estava vinculada ao mercado da terra, mas era um movimento de conquista, motivado por carências de subsistência no local de origem, conflitos políticos ou familiares. Assim, os povoadores buscavam apenas fartura e sossego, não buscavam riqueza ou terra⁴. A partir de 1820 temos a migração de diferentes lugares do Brasil – Minas Gerais, São Paulo, Cuiabá, do sul do país e também do Paraguai –, os migrantes iniciaram a atividade da pecuária, dado ao imenso rebanho bravo e pastagens naturais presentes na região, atividade que possibilitou ao sul do antigo Mato Grosso a figurar no mapa econômico da época:

Essa migração não obedece a critérios rígidos. Ela é espontânea, continua, intensa e desordenada. O que a regula são as crises econômicas e políticas na região de origem dos migrantes. O que os atrai para a nova terra são as facilidades de adquirir terras. Esse movimento dinamiza a economia e estimula a fragmentação da propriedade e, propicia o crescimento de vilas e das cidades. (WEINGARTNER, 1995, p. 27)

Após a Guerra com o Paraguai (1864 – 1870) o sul do antigo Mato Grosso ganha destaque no cenário nacional e estadual. Temos como hipótese dois motivos; primeiro: é preciso povoar para garantir o marco de limites e a posse da terra. Segundo: com a concessão da região dos ervais a Thomaz Laranjeira⁵ iniciou-se um processo de negociação e de interesses que envolveu interesses de empresas, do Estado e dos habitantes e migrantes do sul do antigo Mato Grosso.

O povoamento no sul do antigo Mato Grosso, seu desenvolvimento econômico, a presença da Cia. Matte Laranjeira e seu monopólio econômico e administrativo sobre uma grande extensão de terra, fez emergir discursos divisionistas. Contudo, o movimento não avançou dado a influência do poder de Cia. Matte Laranjeira, para a qual não interessava a divisão do estado de Mato Grosso. Segundo Queiroz

A historiografia registra, já em fins do século XIX, o aparecimento de ‘movimentos rebeldes dos *coronéis* sulistas’, constituindo um ‘embrião’ de divisionismo, ou ‘separatismo’ em relação ao domínio das oligarquias

2 Professor Paulo Roberto Cimó de Queiroz em aula no programa de pós-graduação em história, disciplina História de Mato Grosso e de Mato Grosso Sul, cursada no segundo semestre de 2015.

3 “Waibel via a fronteira como zona pioneira, com predominância das relações econômicas de ocupação e colonização”. (MONDARDO, 2016, p. 68)

4 Exemplo: A revolta da Cuiabá de 1834 motivou várias famílias a se deslocarem para o sul de Mato Grosso.

5 O Decreto de Governo Imperial, nº 8.799, de 9 de dezembro de 1882, concede a Cia. Matte Laranjeira a permissão para colher erva mate nos “terrenos devolutos que demoram nos limites da Província de Mato Grosso com a República do Paraguay, entre os rios Verde e Amambay, e pela linha desses pontos for levada para o interior” e em 1890 estendeu a zona arrendada desde “os limites a foz do rio dourados no rio brilhante e por este até a sua foz no rio paraná e por este até encontrada a foz do rio Iguatemi, fechando-se com um linha reta deste ponto até a foz do rio Dourados no Brilhante”. Uma concessão de aproximadamente 2 milhões de hectares.

'cuiabanas', ou 'nortistas', que desde a época colonial enfeixavam em suas mãos o poder político regional (QUEIROZ, 2006, p. 155)

Todavia, foi na década de 1930 que o movimento divisionista ganhou força e publicidade, pois passaram a defender por escrito e abertamente a separação entre o Sul e o Norte do Estado:

[...] em fins de 1932, a *Liga Sul-mato-grossense*, fundada no Rio de Janeiro pelos referidos estudantes, que lança três documentos principais: um *Manifesto aos habitantes do sul de Mato Grosso*, datado de outubro de 1933; um *Manifesto da mocidade do sul de Mato Grosso ao Chefe do Governo Provisório e à Assembleia Constituinte*, datado de janeiro de 1934 (já citado); e uma *Representação dos sulistas ao Congresso Nacional Constituinte*, aparentemente de março de 1934, acompanhada de um abaixo-assinado com milhares de assinaturas (QUEIROZ, 2006, p. 160 destaques do autor).

O documento “A divisão de Mato Grosso: resposta ao General Rondon”, publicado em Campo Grande em março de 1934, apresenta as pretensões dos sulistas em dividir o estado. No referido documento busca-se atribuir o “estigma da barbárie” exclusivamente às populações do “norte”, do que resulta a negação, no geral, da “identidade mato-grossense”, ainda que haja apropriação de alguns elementos da mesma identidade nortista aplicando-os exclusivamente à porção sul do estado e, enfatiza a opressão política e econômica sofrida no sul do estado pelo norte.

Em síntese, o documento apresentava o sul do antigo Mato Grosso como terra do desenvolvimento e do progresso e o norte como lugar do atraso econômico e civilizacional. Ele afirma que o estado de Mato Grosso não fez nada pela pecuária, pela agricultura, pela segurança, pela educação e pela saúde da sua porção sul. O documento registra que todo o melhoramento do sul é graças aos esforços de seus habitantes “[...] cada fazenda evoluiu, saindo do rancho para as casas higiênicas... os fazendeiros fizeram pontes e estradas [...] a educação existe graças a iniciativa privada [...]”. (A DIVISÃO, 1934, p. 18-23)

Assim, percebe-se um jogo em busca do reconhecimento pelo poder, bem como a interdependência entre agentes da disputa pelo poder. Nesse jogo de disputa e interdependência tem-se quatro grupo de atores principais: as elites oligárquicas do sul, a Cia. Matte Laranjeira, e estado de Mato Grosso com sua elite política do norte e o Estado nacional, por meio do interesse em povoar a região, expressada de forma clara a partir do movimento Marcha para Oeste⁶.

Nesse jogo de disputa interdependente, a narrativa sobre a povoação da fronteira aliada ao ideal de civilização são chave de interpretação para se compreender o processo civilizador da região. Para Melo e Silva (1989), era fundamental que o governo federal incentivasse o processo de migração para região, pois o fronteiriço era “malformado, desajustado”, possuía “hábitos destoantes com o padrão moral adotado em média nos

6 O slogan “Marcha para Oeste” sintetizava o projeto do governo de Getúlio Vargas para ocupar o Centro-Oeste brasileiro. Esse projeto foi idealizado com o objetivo de integrar as áreas consideradas “vazias” e politicamente frágeis do Estado brasileiro.

demais recantos do país” (MELO E SILVA, 1989, p. 133). Dessa forma, ele defendia e cobrava do governo o incentivo a migração para região fronteiriça, pois, em sua narrativa, nacionalizar a fronteira – entenda-se, introduzir brasileiros de outras regiões – era urgente, pois a região, em sua perspectiva era outro Brasil: “É um Brasil a parte a fronteira meridional de Mato Grosso. Tudo lá é diferente: costumes, língua e, nalguns pontos, o próprio caráter do povo sofreu grande modificação” (MELO E SILVA, 2003, p. 78).

3 | CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

As narrativas produzidas sobre a região e, conseqüentemente, as representações sobre a mesma, orbitam em torno de conceitos-chave, a saber: “nação”, “civilização”, “progresso”, “desenvolvimento”, “atraso”, “povo indolente”, “espaço vazio”, “não civilizado”, “bárbaro”, “confins da civilização” dentre outros termos estigmatizantes.

Eric Hobsbawm nos ensinou que no século XIX o ideal de nação desenvolvido e buscado por todos os povos necessitava preencher três critérios ao mesmo tempo, a saber:

[1] associação histórica com um Estado existente ou [...] de passado recente e razoavelmente durável; [2] a existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito; [3] provada capacidade para a conquista, sinal do sucesso evolucionista enquanto espécies sociais (HOBSBAWM, 1990, 49-50).

A afirmação de Hobsbawm sinaliza para os problemas que marcaram a história de Mato Grosso e da região fronteiriça no final do século XIX e na primeira metade do século XX. A problemática orbitava a realidade empírica da fronteira, pois como seria possível associar a fronteira ao Estado brasileiro se seus habitantes eram na maioria indígenas e/ou de origem paraguaia. Ademais, o idioma local se afastava do nacional. Segundo Melo e Silva:

O abastardamento da nossa civilização, em tal meio, é de fato incontestável, porque os guaranis que estão de nosso lado, quase na sua generalidade, mantêm-se irredutíveis nos seus hábitos, trazem os filhos acorrentados as suas tradições, não se interessando, sequer, que eles aprendam a língua de seu país. Há mesmo umas tantas práticas e atitudes que denotam o desejo que eles têm de que os filhos não se vinculem à nacionalidade brasileira. (MELO E SILVA, 1989, p. 70)

Era preciso que surgisse uma elite capaz de construir símbolos e mecanismos para que os habitantes da região se reconhecessem como pertencentes ao todo nacional e, conseqüentemente, houvesse um melhoramento da sociedade local. O estado de Mato Grosso e o Estado brasileiro deveriam trabalhar para povoar e civilizar a região e seus habitantes deveriam colocar aquele lugar, distante e inculto, no caminho do progresso.

[...] não permitamos que se abandone o problema do povoamento do solo, da educação do homem, que ali se encontre e que para ali venha, e da conseqüente nacionalização da fronteira. Educado, o homem fará o restante.

Não cremos, porém, no povoamento daquela terra, na educação do homem e na conseqüente nacionalização daquele meio, se o Governo Federal não reclamar a si, integralmente, essa tarefa, ampliando o regime de colonização, criando novos núcleos, interferindo na distribuição das terras, fiscalizando as escolas primárias, rurais e urbanas, mantendo escolas normais e profissionais. (MELO E SILVA, 1989, p. 133)

A problemática enfrentada pelo Mato Grosso no fim do século XIX e início do XX também foi apresentada por Galetti (2000) em sua tese. Para a autora as representações sobre Mato Grosso e sua população emergiram em discursos de viajantes estrangeiros que visitaram o estado, mas foram incorporadas por brasileiros do centro e pelo próprio mato-grossense. As representações eram marcadas pelos ideais de progresso e civilização em oposição a ideias de lugar atrasado e bárbaro. Mato Grosso passou a ser representado como lugar distante, “confins da civilização”, espaço “vazio” pronto para receber o ideal de cultura e civilização europeia. Galetti (2000) identificou em cartas e documentos discursos que representavam Mato Grosso como um lugar que ainda vivia num estado pré-civilizado, pois ali habitava o bárbaro. A região, vasto “vazio”, com uma população mestiça indolente e sem ideais de progresso, só seria transformada se houvesse a introdução de imigrantes de grandes capitais da Europa.

Os apontamentos de Galetti (2000) e as reivindicações de Melo e Silva (1989; 2003) permite aplicar a Teoria dos Processos Civilizadores de Norbert Elias, que engloba importantes conceitos, tais como o de figuração, interdependência, equilíbrio de tensões, poder e *habitus* (ELIAS, 2001) à compreensão da região. Para Elias, civilização é um processo social e histórico de longa duração – processo civilizador – ao qual também poderíamos chamar processo de educação, pois através dele indivíduos de diversas épocas selecionam comportamentos considerados melhores que outros e, ao introjetarem esses comportamentos, se colocam em um estágio de desenvolvimento melhor do que de outros indivíduos:

[...] este conceito [civilização] expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas “mais primitivas”. Com essa palavra [civilização], a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, a desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais. (ELIAS, 1994, p. 22)

Os conceitos de Elias dialogam com o de representação desenvolvido por Roger Chartier (1990). Este compreende que as representações dizem respeito ao modo como em diferentes lugares e tempos a realidade social é construída por meio de classificações, divisões e delimitações. Esses dotam o presente de sentido. Representação para o francês é:

[...] Mais do que o conceito de mentalidade, ela [representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar,

o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer um identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instancias coletivas ou pessoas singulares) marca de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23)

Chartier entende que os códigos, padrões e sentidos são compartilhados pelos atores sociais, e apesar de poderem ser naturalizados, seus sentidos podem mudar, pois são historicamente construídos e determinados pelas relações de poder, pelos conflitos de interesses dos grupos sociais. Assim, Chartier aceita que os indivíduos apreendem discursos que os possibilitam pensar o real. Mas as leituras dos discursos feitas por sujeitos e a conseqüente produção de sentido são determinadas por certas condições e processos – figurações:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1990, p. 17)

As proposições de Chartier acerca da representação podem ser relacionadas com a teoria de Norbert Elias. A representação é socialmente construída, movida por interesses de indivíduos ou grupos e são veiculadas por meio de discursos que são proferidos que podem ser aceitos (ou não) conforme a posição que os indivíduos ou grupos ocupam na balança de poder.

A respeito da disputa pelo poder, tem-se no modelo de jogo e no conceito de figuração, propostos por Elias, uma ferramenta de compreensão. O jogo social “implica uma mudança parcialmente autorregulada numa configuração de pessoas interdependentes, parcialmente auto organizada e auto reprodutora, tendendo todo o processo para uma direção” (2008, p.161). Para Elias toda relação é relação de poder, esta depende do referencial, que se manifesta por meio de discursos. Assim, determinado grupo, para alcançar o poder ou manter-se no poder, dependerá das estratégias estabelecidas, a fim de implementarem determinado projeto que lhes permita se tornar a referência do jogo social, marcado por elaboração e reelaboração de discursos/narrativas.

O poder para Elias não é algo bom ou mal, é apenas um referencial. Assim, os modelos de jogos, apresentados por Elias, podem ajudar a entender a teia complexa estabelecida na sociedade mato-grossense. Para Elias o jogo pelo poder se constitui em diversos níveis, a saber: 1) jogo de muitas pessoas a um só nível; 2) jogo muitas pessoas à vários níveis; 3) jogo de dois níveis: tipo oligárquico e 4) jogo a dois níveis: tipo democrático crescentemente simplificado. (ELIAS, 2008, p.77-112)

Esses modelos propostos por Elias visam retirar o caráter estático das relações de poder demonstrando assim que o mesmo se manifesta em um caráter processual das relações entre pessoas ou instituições interdependentes. O sociólogo demonstra como a rede de relações humanas muda, quando muda o referencial de poder, instigando-nos a não pensar o poder em uma ordem vertical ou horizontal, mas algo que se manifesta em várias direções, prevalecendo o referencial que possuir as melhores estratégias e se destacar frentes aos demais. Todavia, é preciso considerar que as relações intencionais têm consequências não intencionais, ou seja o processo é cego. As relações de poder escondem a possibilidade de emergir consequências sociais que nenhum jogador individual ou grupo planejou ou pensou antecipadamente.

4 | PARA NÃO CONCLUIR

Aspectos da sociedade do antigo Mato Grosso aqui apontados sinalizam para importância de compreender como os estigmas de “bárbaro”, “lugar vazio”, “inculto”, “indolente”, “lugar atrasado”, “não civilizado”, etc. foi produzido numa relação interdependente de indivíduos ou grupos sociais, bem como a mesma fora apropriada de forma intencional ou anômica por grupos mato-grossenses ou sul-mato-grossenses. Esses estigmas estão presentes em narrativas produzidas sobre o sul de Mato Grosso, ainda que tenha havido esforços de fazer frente aos mesmos, por meio de tentativas de atribuir a sociedade do sul do antigo Mato Grosso características positivas como de lugar civilizado, de progresso, prospero, etc. Os envolvidos no processo de constituição de identidade regional, ou seja, da representação, que possuíam capacidade e poder para forjar narrativas, utilizaram as mesmas noções estigmatizadoras na busca de se estabelecerem em um lugar de destaque, ou seja, como referencial de poder.

Por conseguinte, a teoria dos Processos Civilizadores de Elias é uma potente ferramenta analítica, capaz e auxiliar na compreensão das redes de interdependência e os jogos de poder estabelecidos na região sul do antigo Mato Grosso. Contudo, dado a natureza desse trabalho, não foi possível aprofundar a análise. Os apontamentos realizados aqui manifestam indícios de que a fronteira sul do antigo Mato Grosso é uma realidade que carece de estudos, a partir de outras perspectivas teóricas, capazes de apreenderem o processo histórico social considerando as reações interdependentes de indivíduos, grupos sociais e instituições.

REFERÊNCIAS

A DIVISÃO de Mato Grosso: resposta ao General Rondon. Campo Grande, 1934. 35 p.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

ELIAS, Norbert. **Introdução a sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos Costumes. Rio de Janeiro, 1994, vol. I.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos confins da civilização**: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. 2000. 389f. Tese (Tese em história) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

GORIS, Fabio Anibal Jara. **Descubriendo la frontera**: historia, sociedade y política em Pedro Juan Caballero. Ponta Grossa: Inpag, 1999.

HOBBSAWM, E. **Nações e Nacionalismos desde 1780**. Rio de Janeiro, 1990.

MELO E SILVA, José de. **Fronteiras guaranis**: a trajetória da nação cuja cultura dominou a fronteira Brasil Paraguai. 2 ed. Campo Grande: IHGMS, 2003

MELO E SILVA, José de. **Canaã do Oeste**: Sul de Mato Grosso. Campo Grande: TJMS, 1989.

MONDARDO, Marcos. Zonas pioneiras do Brasil: a multiplicidade de leituras de fronteira em Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil de Leo Weibel. In: GEBARA, Ademir. (Org.) **Leituras de fronteiras**. Jundiaí: Paco, 2016. p. 63-89

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/Moto Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 2, p. 149-184, 2006.

TELESCA, Ignacio. Identidad y territorio en Paraguay antes de la independência. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 11, n. 19, p. 47-82, jan./jun. 2009.

WEINGARTNER, Alisoete A. S. **Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul (1889-1930)**. Porto Alegre: Ed. Est, 1995.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA - Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED) - área de concentração em Família e Sociedade - pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando na linha de pesquisa Trabalho, Consumo e Cultura. É bacharel em Ciências Humanas, pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (BACH/ICH - UFJF); licenciado em Artes Visuais, pelo Centro Universitário UNINTER; e, tecnólogo em Design de Moda, pela Faculdade Estácio de Sá -Juiz de Fora/MG. Realizou cursos de especialização nas seguintes áreas: Moda, Cultura de Moda e Arte, pelo Instituto de Artes e Design da Faculdade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF); Televisão, Cinema e Mídias Digitais, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM/UFJF); Ensino de Artes Visuais, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF); e, Docência na Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba (IF Rio Pomba). Tem interesse nas áreas: Moda e Design; Arte e Educação; Relações de Gênero e Sexualidade; Mídia e Estudos Culturais; Corpo, Juventude e Envelhecimento, dentre outras possibilidades de pesquisa num viés da interdisciplinaridade.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 75, 76

Antropometria 77, 78

C

Camponeses 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 76

Canções 53, 104, 105, 106, 108

Ciclo de vida 134, 135, 136, 142, 143, 144

Condições de trabalho 186

Cooperativismo 67, 68, 69, 71, 74

Cuidados 20, 98, 100, 102, 154, 200, 202

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 22, 24, 27, 29, 44, 50, 51, 52, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 92, 101, 103, 115, 118, 133, 135, 142, 143, 150, 151, 165, 167, 168, 175, 181, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 207, 213, 217, 218, 219, 220

Desenvolvimento regional 1, 2, 4, 6, 7, 8, 11, 12

Desigualdade social 1, 147

Doenças cardiovasculares 77, 78, 79, 81, 83, 85

E

Educação integral 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31

Emprego precário 186

Encenação 104, 110, 112

Engajamento 104, 105, 107, 110, 111, 113, 114

Enunciação 115, 116, 118, 122, 123, 131, 132

Envelhecimento humano 32, 39

Equilíbrio 5, 37, 45, 50, 51, 52, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 203, 213, 220

Escola básica 13, 14, 21, 28

Exercício físico 77, 78, 79, 85

Experiências 13, 14, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 40, 44, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 90, 100, 101, 103

F

Federalismo 1, 10, 11, 12

Fragmentação 7, 9, 10, 52, 65, 146, 147, 148, 153, 163, 164, 217

G

Geografia do envelhecimento 32, 34, 39

Grupo de Teatro Opinião 104, 109

J

Jovens 15, 33, 38, 89, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 127, 200, 201, 202

M

Marília 145, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165

Mercado imobiliário 146, 149, 151, 152, 164

Mercado Municipal 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 144, 145

Migração 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 128, 217, 218, 219

P

Planejamento regional 1, 4, 11, 12

Planejamento turístico 134

PMCMV 146, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163

Políticas públicas 1, 9, 10, 11, 50, 60, 61, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 75, 76, 84, 147, 148, 149, 150, 153

Prevenção 20, 77, 78, 82, 84, 98, 99, 100, 103

Protagonismo 98, 103

R

Reforma trabalhista 186, 187, 189, 190, 192, 193

Representação social da velhice 32, 34

S

Saberes 29, 35, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 101

Segregação 146, 147, 150, 155, 156, 163, 165

Semiótica do discurso 115, 116, 118, 121, 132

T

Taxas 117, 166, 169, 170, 173, 175, 176, 178, 179, 181, 184

Tempos-espacos educativos 13

Tesouro direto 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181

Títulos públicos 166, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 179, 180, 181, 183, 185

Trabalho intermitente 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

Tributos 166, 170, 172, 173, 177, 184

V

Vulnerabilidade 33, 98, 128, 198

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade

- 
-  www.atenaeditora.com.br
 -  contato@atenaeditora.com.br
 -  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 -  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade

- 
-  www.atenaeditora.com.br
 -  contato@atenaeditora.com.br
 -  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 -  www.facebook.com/atenaeditora.com.br